
A flexibilidade dos bancos

por Sônia Jourdani
de São Paulo

"Os bancos reconhecem que lhes cabe um parcela de responsabilidade pela crise de endividamento." Esta frase poderia ter causado grande impacto no encerramento do encontro "Alternativas de Reestruturação Econômica Mundial", se a ela o banqueiro Georges Smolarski, membro do Conselho Geral de Administração de uma das mais poderosas instituições financeiras da Europa, o Crédit Lyonnais, não tivesse acrescentado estar totalmente descartada qualquer possibilida-

de de os bancos assumirem de fato sua parcela de responsabilidade, compensando os devedores com um mecanismo de redução dos juros.

A posição dos bancos, segundo Smolarski, é bastante coerente, uma vez que não teriam condições de fazer isso sem perder dinheiro e ferir os interesses dos acionistas. Receber as contas de juros e taxas menores que as pagas na captação é impensável", disse o banqueiro, observando que a flexibilidade dos credores privados só alcança o alongamento dos prazos para o pagamento e pequenas redu-

ções nas taxas de risco ("spreads").

Ele mostrou, porém, compreender a gravidade da situação brasileira, pois deu bastante ênfase aos seguintes números: para um saldo comercial de US\$ 6 bilhões acumulado no ano passado, o País pagou US\$ 10 bilhões em juros. Neste ano está previsto o desembolso de mais US\$ 11,5 bilhões. Smolarski também mencionou os débitos de US\$ 85 bilhões sujeitos a taxas flutuantes, para ressaltar que uma variação de 1% nos juros representa um desembolso extra de US\$ 850 milhões num único ano.
